



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

JEFFERSON BRUNO PEREIRA NEVES

**O PERCURSO DO DESTINADOR-MANIPULADOR EM *AUTO DA
COMPADECIDA*, DE ARIANO SUASSUNA**

JOÃO PESSOA

2021

JEFFERSON BRUNO PEREIRA NEVES

**O PERCURSO DO DESTINADOR-MANIPULADOR EM *AUTO DA
COMPADECIDA*, DE ARIANO SUASSUNA**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior.

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N518p Neves, Jefferson Bruno Pereira.

O percurso do destinador-manipulador em Auto da
Compadecida, de Arian Suassuna / Jefferson Bruno
Pereira Neves. - João Pessoa, 2021.
28 f. : il.

Orientação: Expedito Ferraz Júnior.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Percurso narrativo. 2. Destinador-manipulador. 3.
Manipulação. 4. Semiótica. I. Ferraz Júnior, Expedito.
II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

JEFFERSON BRUNO PEREIRA NEVES

**O PERCURSO DO DESTINADOR-MANIPULADOR EM *AUTO DA
COMPADECIDA*, DE ARIANO SUASSUNA**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior.

Banca Examinadora:

Professor	Título	Instituição	Menção	Assinatura	Data
Expedito Ferraz Jr.	O percurso do destinador-manipulador em <i>Auto da Compadecida</i> , de Ariano Suassuna	UFPB			
Rinaldo Nunes Fernandes		UFPB			
Luciana Eleonora De Freitas Calado Deplagne		UFPB			

JEFFERSON BRUNO PEREIRA NEVES

**O PERCURSO DO DESTINADOR-MANIPULADOR EM AUTO DA
COMPADECIDA, DE ARIANO SUASSUNA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

Data de aprovação: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Expedito Ferraz Jr., DLCV/UFPB
(orientador)

Prof. Dr. Rinaldo Nunes Fernandes, DLCV/UFPB
(examinador)

Profª Drª Luciana Eleonora De Freitas Calado Deplagne, DLCV/UFPB
(examinadora)

Profª Drª Amanda Ramalho De Freitas Brito, DLCV/UFPB
(suplente)

Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram não somente com este trabalho, mas com todo o meu processo de formação. Agradeço especialmente aos meus pais, aos professores que tive ao longo do curso, aos colegas de faculdade e ao Dr. Expedito Ferraz Júnior.

“Quando você quiser convencer alguém, fale de interesses em vez de apelar à razão.”

Benjamin Franklin

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é analisar o percurso do destinador-manipulador em relação à obra *Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna. Este percurso ocorre principalmente no personagem João Grilo, porém, no decorrer da pesquisa, evidenciamos também a aparição deste percurso narrativo em outros personagens do texto dramático. Consideramos a importância de tal análise no intuito de nos aprofundarmos em minúcias na rica obra de Suassuna que, indubitavelmente, traz uma gama de facetas a serem abordadas no contexto da Literatura Brasileira. Para desenvolver esta pesquisa, usaremos principalmente o livro *Teoria Semiótica do Texto*, de Barros (2005), e o *Dicionário de Semiótica*, de Greimas e Courtés (1979). Na análise, pretendemos criar uma correlação entre o discurso dos personagens e a estrutura da manipulação proposta por Barros (2005), tendo em vista que são esses aspectos manipulativos que desencadeiam os diálogos e os acontecimentos presentes na obra literária. A estruturação da pesquisa irá mostrar que a eficácia de João Grilo e dos outros personagens em conseguir que seus desejos sejam atendidos não acontece por acaso, e sim que há uma dinâmica específica no discurso desses personagens capaz de permear o direcionamento dos diálogos e de seus objetivos.

Palavras-chave: Percurso narrativo. Destinador-manipulador. Manipulação. Semiótica.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the trajectory of the destinator -manipulator in relation to the work *Auto da Compadecida* (1955), by Ariano Suassuna. This trajectory takes place mainly in the character João Grilo, however, during the research, we also evidenced the appearance of this narrative trajectory in other characters in the dramatic text. We consider the importance of such an analysis in order to delve into details in the rich work of Suassuna, which undoubtedly brings a range of facets to be addressed in the context of Brazilian Literature. To develop this research, we will mainly use the book *Teoria Semiótica do Texto*, by Barros (2005), and the *Semiotique: Dictionnaire Raisonne de la Theorie du Language*, by Greimas and Courtés (1979). In the analysis, we intend to create a correlation between the characters' discourse and the structure of manipulation proposed by Barros (2005), considering that these manipulative aspects trigger the dialogues and events present in the literary work. The structuring of the research will show that the effectiveness of João Grilo and the other characters in getting their wishes met does not happen by chance, but that there is a specific dynamic in the discourse of these characters capable of permeating the direction of the dialogues and their goals.

Keywords: Narrative path. Destinator-manipulator. Manipulation. Semiotics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O PERCURSO NARRATIVO E A MANIPULAÇÃO	12
2. A MANIPULAÇÃO EM PRÁTICA NA OBRA LITERÁRIA	16
CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso de alguns personagens da obra *Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna, a fim de estabelecer relações entre os diálogos e a teoria dos tipos de manipulação em percursos narrativos, propostos no livro *Teoria Semiótica do Texto* (2005), de Diana Luz Pessoa de Barros.

Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, se insere dentro das obras mais significativas que retratam o contexto do Nordeste, com maior especificidade ao Sertão Nordestino. Aqui, ressaltamos a importância da literatura regional como forma artística capaz de notabilizar determinadas culturas. A obra, que tem seu enredo perpassado na cidade Taperoá, exibe a situação precária em que vivem alguns cidadãos destas camadas da Paraíba.

Produzida no ano de 1955, *Auto da Compadecida* é tratada como o *Magnum opus* de peças teatrais de Ariano Suassuna. Com uma extrema popularidade atingida, a obra, abordando um viés de comédia dramática, revela a situação social de uma determinada comunidade da cidade de Taperoá. Sendo uma obra de grande conotação satírica, teve uma grande aceitação por parte do público, e até os dias atuais ainda é muito discutida.

Em síntese, o enredo conta a história de João Grilo e Chicó, dois rapazes pobres do sertão que, devido às dificuldades enfrentadas, precisam recorrer a meios perspicazes para conseguirem sobreviver. Os dois personagens possuem claras diferenças de personalidade, visto que João Grilo é um moço esperto e audacioso, enquanto que Chicó é medroso e evasivo. Nisso, Chicó passa a ser altamente influenciado pelas atitudes de João, posto que os dois são grandes amigos e sempre estão juntos. João Grilo, protagonista, é responsável por desenlaçar a maioria das ações acontecidas no enredo, e faz isso por meio de suas habilidades comunicativas para persuadir, dissuadir e exortar todos aqueles que por ele passam.

A peça teatral possui três atos e todos os atos são iniciados pelo personagem Palhaço, que é responsável por mediar as passagens de um cenário para outro. O primeiro ato trata da tentativa de benzer a cachorra, da morte e do enterro do animal. O segundo ato remete à venda do gato que “descome” dinheiro e ao conflito entre o malfeitor Severino e os outros personagens do enredo, que são todos assassinados, com exceção de Chicó. O terceiro e último ato se refere ao julgamento dos mortos, em que constam o Diabo, Jesus e Nossa Senhora da Compadecida.

Em vista disso, o personagem principal da obra, João Grilo, é a figura que representa todas as artimanhas de um homem pobre e frustrado socialmente, que precisa recorrer a trapaças e mentiras, persuadindo quem encontra à sua volta para alcançar algum sucesso em sua trajetória. Logo, ainda que Grilo seja um personagem iletrado, ele precisa aprender algumas táticas argumentativas e manipulativas para ir em frente e alcançar algum patamar de sucesso. Assim, a manipulação de João Grilo é responsável por desencadear quase todos os acontecimentos ocorridos na peça teatral.

Inclusive, o João Grilo faz parte do escopo integrante de uma tradição de personagens ‘malandros’ presentes na Literatura. A referência mais antiga vem de uma novela picaresca, da literatura espanhola, chamada *Lazarillo de Tormes* (1554)¹. João Grilo seria uma variação nordestina de um tipo social conhecido nessa tradição como “pícaro”, isto é, um indivíduo marginalizado que vive de pequenas trapaças para saciar a fome (CAMPATO JÚNIOR, 2009). Temos também exemplos no Pedro Malasartes, presente também na cultura portuguesa, e no Leonardo, de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854)². Neste caso, a variação também está no gênero literário, pois o pícaro surge na narrativa, enquanto que, em *Auto da Compadecida*, ele emerge na obra teatral.

Além disso, bem como evidencia Maleval (2015), há diversas obras anteriores que inspiraram Ariano Suassuna na produção de *Auto da Compadecida*. A autora dá exemplos ao citar autos medievais ibéricos e folhetos de cordel, e menciona algumas dessas obras que nitidamente serviram de base para a produção de Suassuna, tendo em vista a clara relação do contexto dos atos da peça com essas produções.

Esclarecemos também que outros personagens da obra também usam de tais artifícios manipulativos – aliás, alguns são evidenciados em nossa análise –, porém, há um destaque mais significativo em Grilo, pois é ele que possui a maior recorrência e a maior relevância dentro da obra.

E, para examinar o uso da manipulação neste e nos outros personagens, recorreremos ao livro de Barros (2005) justamente pelo fato de a autora definir e explicar quatro tipologias referentes aos tipos de manipulação partidas do destinador-manipulador para o

¹ **LAZARILHO de Tormes**. Tradução de Pedro Cândia da Silva. São Paulo: Página Aberta; Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de Espana, 1992.

² ALMEIDA, M. A. de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. 25. ed. São Paulo: Ática, 1996.

destinatário. Essas manipulações ocorrem na comunicação entre personagens e visa alguma mudança de atitude do destinatário por parte do destinador-manipulador.

Para estruturar nosso trabalho, faremos uma divisão proposta em dois capítulos. O primeiro capítulo, chamado *O percurso narrativo e a manipulação*, tratará da fundamentação teórica que irá embasar a pesquisa. Aqui, iremos discorrer a respeito dos principais aspectos da teoria que será utilizada para dar forma à análise. O segundo capítulo, intitulado de *A manipulação em prática na obra literária*, irá abordar a análise da obra *Auto da Compadecida* à luz da discussão teórica apresentada no capítulo anterior, fazendo essa relação mútua entre o discurso manipulativo dos personagens e a teoria semiótica previamente desenvolvida.

1. O PERCURSO NARRATIVO E A MANIPULAÇÃO

Para embasar a nossa análise, utilizamos a teoria proposta por Barros (2005), em seu livro *Teoria Semiótica do Texto*. Nesta obra, a autora expõe conceitos referentes à Semiótica de base greimasiana na construção textual, abordando especificidades na semântica e na sintaxe do texto, tanto na esfera narrativa quanto na esfera discursiva. Trouxemos aqui uma das concepções ligadas à sintaxe narrativa, que trata do percurso narrativo.

Nas palavras da autora, “um percurso narrativo é uma sequência de programas narrativos relacionados por pressuposição” (BARROS, 2005, p. 29), ou seja, trata-se da sequência na estrutura textual que causa mudanças de atitudes, causando a alteração no percurso de algum enredo. Esse percurso acontece por pressuposição por vir de maneira indireta por parte do sujeito. Embora carregue o termo “narrativo”, este percurso também é aplicável em obras do gênero lírico ou dramático – tal qual *Auto da Compadecida*.

Como cita Marega (2015, p. 95), há elementos narrativos no texto dramático “devido ao fato de apresentar personagens que vivenciam uma história, desenvolvida em certo tempo e espaço”, complementando que, apesar disso, o texto dramático “apresenta uma estrutura composicional diferenciada dos outros textos narrativos” (p. 97). Destarte, compreendemos que existe uma “narrativa”, isto é, uma sequência de estados ou ações relativas a um personagem ou sujeito subjacente às características típicas de cada gênero.

Além disso, Greimas e Courtés (1979, p. 327-328), ao conceituarem um percurso, dizem que “o termo percurso deveria impor-se progressivamente, na medida em que implica não somente uma disposição linear e ordenada dos elementos entre os quais se efetua, mas também uma progressão de um ponto a outro”. Dessa forma, vemos que, no próprio Dicionário da semiótica greimasiana, a ideia de percurso mantém a concepção de continuidade no andamento textual, não havendo necessariamente uma limitação de gênero.

Barros (2005) traz três concepções de percursos narrativos: o percurso do sujeito, o percurso do destinador-manipulador e o percurso do destinador-julgador. Aqui, nos atemos ao segundo percurso, pois é o que mais faz jus ao cenário contextual da obra de Ariano Suassuna. A autora esclarece que existem duas etapas no percurso do destinador-manipulador, são elas “a de atribuição de competência semântica e a de doação de competência modal” (BARROS, 2005, p. 31). A primeira se refere àquilo que o destinador tem em mãos a respeito do destinatário – seja um saber ou um poder sobre ele:

A atribuição de competência semântica está sempre pressuposta na doação de competência modal, pois é preciso que o destinatário-sujeito **creia** nos valores do destinador, ou por ele determinados, para que se deixe manipular. (BARROS, 2005, p. 31)

Em outras palavras, o destinador-manipulador precisa usar de seu conhecimento sobre o destinatário para atribuir a ele valores, e estes valores precisam ser credíveis pelo destinatário. Por exemplo, na própria obra *Auto da Compadecida*, João Grilo consegue manipular o Padre para que benza a cachorra da mulher do padeiro utilizando deste artifício. Ao ter conhecimento da corrupção do Padre e de sua subserviência perante o Major Antônio Moraes, João consegue convencê-lo e dissuadi-lo para que o Padre seja a favor da benzeção.

Uma vez que o destinatário aceite estes valores e os tenha para si como críveis, poderá haver uma iniciativa de aceitação da manipulação. Porém, para a manipulação ser concluída, o destinador-manipulador também depende do segundo percurso, pois a doação de competência modal causará a mudança de conduta:

A segunda etapa do percurso do destinador-manipulador é a de atribuição de competência modal. Essa fase constitui a manipulação propriamente dita, em que o destinador doa ao destinatário-sujeito os valores modais do **querer-fazer**, do **dever-fazer**, do **saber-fazer** e do **poder-fazer**. (BARROS, 2005, p. 31)

Ou seja, a partir dos valores semânticos atribuídos – sejam negativos ou positivos – pelo destinador ao destinatário, o destinatário pode admitir uma mudança em sua postura. O destinador impõe uma condição de saber ou poder, e o destinatário reage à manipulação a partir do dever ou do querer, a depender do método empregado pelo destinatário. Barros (2005) estipula quatro tipos de manipulação e põe todas as competências citadas em uma tabela para categorizar didaticamente este aspecto, como vemos abaixo:

QUADRO 1 – COMPETÊNCIAS DO DESTINADOR-MANIPULADOR E A ALTERAÇÃO DO DESTINATÁRIO

	competência do destinador-manipulador	alteração na competência do destinatário
PROVOCAÇÃO	SABER (imagem negativa do destinatário)	DEVER-FAZER
SEDUÇÃO	SABER (imagem positiva do destinatário)	QUERER-FAZER
INTIMIDAÇÃO	PODER (valores negativos)	DEVER-FAZER
TENTAÇÃO	PODER (valores positivos)	QUERER-FAZER

Fonte: Barros (2005, p. 35)

No quadro acima, notamos que existem quatro tipos de manipulação, e Barros (2005) exemplifica cada um deles, tanto por meio de frases-chave de mãe para filho, quanto por meio de exemplos retirados de outras obras. A manipulação pode acontecer por meio da tentação, da intimidação, da provocação ou da sedução. Cada uma delas possui características diferentes e relacionam diferentes competências do destinador-manipulador e da modificação atitudinal do destinatário.

A manipulação por tentação ocorre quando o destinador busca oferecer algo em troca ao destinatário se este aceitar a sua proposta. A frase-chave que Barros (2005, p. 31) se apoia para explicar este arquétipo de manipulação consiste em: “se você come tudo, a

mamãe leva você para ver o filme da Mônica”. Aqui, vemos que a mãe faz uma tentação ao filho, pois se ele fizer o que ela quer, ele será gratificado com algo que irá satisfazer-lhe. Assim, a mãe se utiliza de poder (*eu tenho o poder de beneficiar o meu filho*) e de valores positivos (*o benefício só pode ser atribuído se o filho tiver uma conduta obediente*), buscando gerar a conduta do querer-fazer (*o filho quererá ceder à manipulação para ser beneficiado*).

A manipulação por intimidação acontece quando o destinador procura causar algum tipo de medo ou receio no destinatário diante de alguma recusa à sua proposta. A frase-chave de mãe para filho posta por Barros (2005, p. 31) para explicar este procedimento manipulativo consiste na premissa: “Coma tudo, senão você apanha!”. Nesta frase, percebemos que a mãe faz uma intimidação ao filho, pois se ele se recusar a ceder à manipulação, ele será punido com agressão física. Ao mesmo modo da manipulação por tentação, a mãe impõe poder (*eu posso te bater!*), entretanto, os valores aqui alimentados são negativos (*eu posso te bater porque você é meu filho e é inferior a mim*). Esta situação intimidatória visa alterar a conduta do filho por meio do dever-fazer (*eu devo comer para não sentir as consequências das dores físicas*).

A manipulação por provocação ocorre quando o destinador tenta impor uma condição provocativa que pode ter diferentes motivações, como a subestimação ou a dúvida – na verdade, podemos considerar os valores negativos no geral. A frase-chave que Barros (2005, p. 31) recorre para explicar o conceito é constituída por: “Duvido que você seja capaz de comer todo o espinafre!”. Na premissa utilizada, notamos que a mãe provoca o filho, duvidando de sua capacidade de comer o que ela quer que ele coma. Diferentemente dos dois arquétipos manipulativos anteriores, a manipulação por tentação não se utiliza do poder, e sim do saber (*eu sei que você não consegue comer tudo*), unido à imagem negativa atribuída ao destinatário (*você não consegue comer porque é incapaz*). Com isso, a mãe tem o objetivo de alterar a atitude do filho por meio do dever-fazer (*eu devo comer tudo para provar que consigo*).

Por último, a manipulação por sedução acontece quando o destinador visa elogiar e/ou apreciar o seu destinatário, em busca de uma mudança de atitude deste por meio dessa imagem agradável. Como frase-chave de mãe para filho, Barros (2005, p. 31) traz a seguinte proposição: “Você é um menino tão bonito e que gosta tanto da mamãe, você vai comer tudo, não é?”. Nesta situação específica, captamos que a mãe seduz o filho, trazendo

a imagem de que ele tem uma boa aparência física e que gosta de sua criadora, e que isso deve ser suficiente para que ele seja obediente. Igualmente à manipulação por provocação, o destinador-manipulador se vale de um saber do destinador sobre o destinatário (*eu te conheço e sei que você é um menino amável e bonito*), todavia, a imagem aqui alimentada é uma imagem positiva do destinatário (*você é um bom menino, é um menino bonito*). Essa junção tem o intuito de alterar a conduta do destinatário por meio do querer-fazer (*a mamãe me admira, eu farei o que ela me pediu*).

Em *Auto da Compadecida*, as ocorrências de manipulação utilizadas principalmente por João Grilo permeiam quase toda a peça teatral. O personagem usa de tal recurso para convencer todos os outros personagens do enredo a agir de modo que venha a beneficiá-lo, em diferentes situações. A seguir, apresentamos alguns trechos em que João Grilo usa do seu artifício persuasivo para atingir seus feitos e trapagens.

2. A MANIPULAÇÃO EM PRÁTICA NA OBRA LITERÁRIA

Vejamos características da manipulação de João Grilo na obra *Auto da Compadecida*, partindo do início da obra:

JOÃO GRILO

É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é o motor do major Antônio Moraes e outra benzer o cachorro do major Antônio Moraes.

PADRE, mão em concha no ouvido

Como?

JOÃO GRILO

Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Moraes.

PADRE

E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Moraes?

JOÃO GRILO

É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE, desfazendo-se em sorrisos

Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO, cortante

Quer dizer que benze, não é?

PADRE, a Chicó.

Você o que é que acha?

CHICÓ

Eu não acho nada de mais.

PADRE

Nem eu. Não vejo mal nenhum em abençoar as criaturas de Deus.

JOÃO GRILO

Então fica tudo na paz do Senhor, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.

PADRE

Digam ao major que venha. Eu estou esperando.

Entra na igreja.

CHICÓ

Que invenção foi essa de dizer que o cachorro era do major Antônio Moraes?

JOÃO GRILO

Era o único jeito de o padre prometer que benzia. Tem medo da riqueza do major que se péla. Não viu a diferença? Antes era “Que maluquice, que besteira!”, agora “Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus!”. (SUASSUNA, 1983, p. 19-21)

A primeira ocorrência da manipulação de João Grilo acontece logo na primeira situação que inicia a história, referente à cachorra doente. A mulher do padeiro, que possui uma cachorra como animal de estimação, deseja que esta seja benzida pelo padre, visto que o animal está enfermo. João Grilo apresenta a proposta ao padre, e este, como previsto, o repreende, aludindo ser um ultraje ter que benzer um animal. Para convencê-lo, João Grilo diz que a cachorra pertence ao major Antônio Moraes, homem poderoso e respeitado por aquela civilização. Com isso, o padre muda de ideia e se submete à ideia de João Grilo.

Para alcançar isto, João Grilo se utiliza do artifício da manipulação por **intimidação**. A intimidação existente se reflete na condição de que: *o major se desagradará com a recusa do Padre*. No final da cena, Grilo, inclusive, cita o medo que o Padre tem do major Antônio Moraes, e que isso foi definitivo para que o Padre mudasse sua conduta. Observamos a nítida relação que Grilo estabelece de poder e de valores negativos (*o major é mais poderoso e mais rico, e o Padre é inferior hierarquicamente*), se

responsabilizando pela alteração atitudinal do Padre por meio do dever-fazer (*o padre deve obedecer para não sofrer as consequências da fúria do Antônio Moraes*).

A seguir, vejamos outra manipulação de João Grilo, desta vez em um diálogo diretamente com o major Antônio Moraes:

ANTÔNIO MORAIS, parando

Está doido? O padre?

JOÃO GRILO, animando-se

Sim, o padre. Está dum jeito que não respeita mais ninguém e com mania de benzer tudo. Vim dar um recado a ele, mandado por meu patrão, e ele me recebeu muito mal, apesar de meu patrão ser quem é.

ANTÔNIO MORAIS

E quem é seu patrão?

JOÃO GRILO

O padeiro. Pois ele chamou o patrão de cachorro e disse que apesar disso ia benzê-lo.

ANTÔNIO MORAIS

Que loucura é essa?

JOÃO GRILO

Não sei, é a mania dele agora. Benze tudo e chama a gente de cachorro.

ANTÔNIO MORAIS

Isso foi porque era com seu patrão. Comigo é diferente.

JOÃO GRILO

Vossa Senhoria me desculpe, mas eu penso que não.

ANTÔNIO MORAIS

Você pensa que não?

JOÃO GRILO

Penso, sim. E digo isso porque ouvi o padre dizer: “Aquele cachorro, só porque é amigo de Antônio Moraes, pensa que é alguma coisa”.

ANTÔNIO MORAIS

Que história é essa? Você tem certeza?

JOÃO GRILO

Certeza plena. Está doidinho, o pobre do padre.

ANTÔNIO MORAIS

Pois vamos esclarecer a história, porque alguém vai pagar essa brincadeira. (SUASSUNA, 1983, p. 25-26)

Nesta cena, o major Antônio Moraes chega à cidade para falar com o padre a respeito de seu filho que está doente e precisa viajar. Todavia, para isso, ele quer uma benção do padre. Quando João Grilo vê Antônio Moraes se encaminhando para a igreja, ciente de que sua mentira sobre a cachorra está em risco, ele convence Moraes de que o padre está doido, está “benzendo tudo” e está chamando os outros de “cachorro”.

Neste método empregado por João Grilo, constatamos a manipulação por meio da **provocação**. João busca encontrar uma correspondência lógica entre o discurso do padre (benzer o cachorro que supostamente pertence ao Antonio Moraes) e a aparição do próprio Antonio Moraes, que não pode saber dessa mentira inventada por Grilo. Para chegar em um ponto em comum de coerência, João Grilo provoca o major: *o padre está chamando a todos de ‘cachorro’ e, conseqüentemente, chamará assim também o major*. Antônio Moraes não acredita e vai em busca da resolução dessa história, tornando eficaz a tática de João Grilo, visto que ele foi capaz de correlacionar ambos os contextos ao provocar o major. Podemos perceber o saber e a imagem negativa do destinatário imposta por João Grilo (*major, eu sei que o padre vai chamar você de cachorro*), o que estimula o major a definitivamente ir ao encontro do padre, estabelecendo o dever-fazer em Antonio Moraes (*eu devo ir ao encontro do padre para constatar se ele terá coragem de me desrespeitar*).

Ainda a respeito da cachorra doente, observamos essa cena sobre a sua benzeção:

JOÃO GRILO

E a mania agora é benzer, benzer tudo quanto é de bicho,
Ouvem-se, fora, grandes gritos de mulher.

JOÃO GRILO

É a velha, com o cachorro. Como é, o senhor benze ou não benze?

PADRE

Pensando bem, acho melhor não benzer. O bispo está aí e eu só benzo se ele der licença. (À esquerda aparece a mulher do padeiro e o padre corre para ele.) Pare, pare! (Aparece o padeiro.) Parem, parem! Um momento. Entre o senhor e entre a senhora: o cachorro fica lá!

MULHER

Ai, padre, pelo amor de Deus, meu cachorro está morrendo. É o filho que eu conheço neste mundo, padre. Não deixe o cachorrinho morrer, padre.

PADRE, comovido

Pobre mulher! Pobre cachorro!

João Grilo estende-lhe um lenço e ele se assoa ruidosamente.

PADEIRO

O senhor benze o cachorro, Padre João?

JOÃO GRILO

Não pode ser, O bispo está aí e o padre só benzia se fosse o cachorro do major Antônio Moraes, gente mais importante, porque senão o homem pode reclamar.

PADEIRO

Que história é essa? Então Vossa Senhoria pode benzer o cachorro do major Antônio Moraes e o meu não?

PADRE, apaziguador

Que é isso, que é isso?

PADEIRO

Eu é que pergunto: que é isso? Afinal de contas eu sou presidente da Irmandade das Almas, e isso é alguma coisa.

JOÃO GRILO

É, padre, o homem aí é coisa muita. Presidente da Irmandade das Almas! Para mim isso, é um caso claro de cachorro bento. Benza logo o cachorro e tudo fica em paz.

PADRE

Não benzo, não benzo e acabou-se! Não estou pronto para fazer essas coisas assim de repente. Sem pensar, não.

MULHER, furiosa

Quer dizer, quando era o cachorro do major, já estava tudo pensado, para benzer o meu é essa complicação! Olhe que meu marido é presidente e sócio benfeitor da Irmandade Almas! Vou pedir a demissão dele!

PADEIRO

Vai pedir minha demissão!

MULHER

De hoje em diante não me sai lá de casa nem um pão para a Irmandade!

PADEIRO

Nem um pão!

MULHER

E olhe que os pães que vêm para aqui são de graça!

PADEIRO

São de graça!

MULHER

E olhe que as obras da igreja é ele quem está custeando!

PADEIRO

Sou eu que estou custeando!

PADRE, apaziguador

Que é isso, que é isso!

MULHER

O que é isso? É a voz da verdade, padre João. O senhor agora vai ver quem é a mulher do padeiro!

JOÃO GRILO

Ai, ai, ai e a Senhora, o que é que é do padeiro?

MULHER

A vaca...

CHICÓ

A vaca?!

MULHER

A vaca que eu mandei para cá, para fornecer leite ao vigário tem que ser devolvida hoje mesmo.

PADEIRO

Hoje mesmo!

PADRE

Mas até a vaca? Sacristão, sacristão! (SUASSUNA, 1983, p. 32-35)

Nesta cena, que conta com a presença do padeiro e sua mulher, o primeiro pergunta se o padre pode ou não benzer a cachorra. Logo, João Grilo intervém, dizendo que o padre só benzeria o animal caso Antônio Moraes fosse o dono, o que complica ainda mais a situação do padre. A mulher e o padeiro obviamente se zangam com o Padre após essa informação dada por João Grilo, fazendo com que o casal repudie a atitude do padre e lhe teça até mesmo ameaças.

Na situação mencionada, temos dois tipos de manipulação direcionadas ao padre: uma por meio da **provocação** e outra por meio da **intimidação**. A provocação parte de João Grilo, quando o protagonista afirma que o padre poderia benzer a cachorra se esta fosse propriedade do Antônio Moraes, levando em conta que ele não teria a mesma atitude solícita com a mulher do padeiro. João manipula pressupondo que *o padre é complacente diante das vontades do Antônio Moraes*. A alusão da complacência do padre é utilizada por Grilo mediante o seu saber e a imagem negativa imposta ao padre (*eu sei que o padre é condescendente e parcial em suas decisões*), visando a mudança de atitude do padre pelo

dever-fazer (*eu devo benzer a cachorra para que minha conduta não entre em contradição*).

A intimidação aqui existente parte da mulher do padeiro para o padre, quando ela ameaça de pedir a demissão do marido diante da recusa do padre. A demissão viria juntamente da perda de vários benefícios que o casal oferecia à igreja. Logo, a intimidação consiste em: *você perderá todos os seus benefícios se não fizer o que eu ordeno*. A mulher do padeiro também traz claramente a condição de poder e dos valores negativos (*eu posso te prejudicar gravemente se você não me obedecer, porque você depende da minha boa vontade*), na tentativa de alterar a atitude do padre por meio do dever-fazer (*eu devo satisfazê-la para que ela não me cause nenhum dano*).

Temos também um bom exemplo da manipulação de João Grilo diante da mulher do padeiro:

MULHER

Sim, quero ver o dinheiro sair do gato.

JOÃO GRILO

Pois então veja

MULHER, depois da nova retirada.

Nossa Senhora, é mesmo. João, me arranje esse gato pelo amor de Deus.

JOÃO GRILO

Arranjar é fácil, agora, pelo amor de Deus é que não pode ser, porque sai muito barato. Amor de Deus é coisa que eu tenho, dê ou não lhe dê o gato.

MULHER

Quer dizer que não tem jeito de eu arranjar esse gato?

JOÃO GRILO

De modo nenhum, há um jeito e é até fácil.

MULHER

Pois diga qual é, João.

JOÃO GRILO

Deixe eu entrar no testamento do cachorro.

MULHER

Pois você entra. Por quanto vende o gato? (SUASSUNA, 1983, p. 66-67)

João Grilo pretende ganhar algum dinheiro e, para tal, tem a ideia de vender um gato que “descome dinheiro” para a mulher do padeiro. Em vista disso, pede para que Chicó insira algumas moedas no ânus do gato. Enquanto isso, Grilo fala da história do gato para a mulher, que se mostra muito interessada pelo animal. E ele deixa claro que, para obter o gato, ela precisa comprá-lo e inserir João no testamento da cachorra.

Nesta cena temos um exemplo clássico de manipulação por **tentação**. O personagem estabelece a tentação com a mulher do padeiro no momento que oferece a ela um gato que, supostamente, pode deixá-la rica: *se você comprar o meu gato, você irá ascender financeiramente*. A mulher do padeiro, inocentemente, acredita na história e compra o animal, cedendo à tentação imposta por João Grilo. Destarte, João Grilo traz a condição do poder e dos valores positivos (*você poderá ser rica se aceitar*), causando a mudança de atitude na mulher, que adere ao querer-fazer (*eu quero comprar o animal pois ele irá me beneficiar*) e conclui a negociação.

Na cena a seguir, evidenciamos um trecho de conflito entre João Grilo e o padeiro:

PADEIRO

Ah, você está aí? (Pega João pela camisa.) O gato não descome dinheiro coisa nenhuma, descome o que todo gato descome. Mas você me paga!

JOÃO GRILO

Que é isso? Que é isso? O senhor não tem vergonha de dizer essas coisas diante do bispo? Descome, não descome! Que conversa mais imoral! Que chamego é esse?

PADEIRO, furioso

Imoral é você, vendendo aquele gato!

JOÃO GRILO

E eu tenho culpa de sua mulher só gostar de bicho?

PADEIRO

Só gostar de bicho não, que ela casou comigo.

JOÃO GRILO

Sua diferença para bicho é muito pouca, padeiro.

PADEIRO

O quê? É assim que você me trata agora? Olhe que eu boto você para fora da padaria!

JOÃO GRILO

Você não bota coisa nenhuma, porque eu já estou fora dela. Faz exatamente dez minutos que eu me considero demitido daquela porcaria. Um sujeito como eu não trabalha para uma mulher que compra gato.

PADEIRO

Ladrão! Ladrão!

JOÃO GRILO

Ladrão é Você, presidente da irmandade. Três dias passei em cima de uma cama, tremendo de febre. Mandava pedir socorro a ela e a você e nada. Até o padre que mandei pedir para me confessar não mandaram. E isso depois de passar seis anos trabalhando naquela desgraça!

PADEIRO

Ingrato, eu que nunca o despedi, apesar de todas as suas trapaças!

JOÃO GRILO

Nunca me despediu porque eu trabalhava barato e bem. Está aí o Padre João que o diga: qual era o melhor pão da rua, Padre João?

PADRE

O pão de João Grilo.

JOÃO GRILO

Está vendo? Ladrão é você, ladrão de farinha. Eu o que faço é me defender como posso. (SUASSUNA, 1983, p. 70-72)

Quando a mulher e o padeiro descobrem a mentira envolvendo o gato que “descome dinheiro”, o padeiro, furioso, vai em busca de João Grilo e o ameaça de demissão. Grilo afirma que já se considera demitido e, ao ser chamado de trapaceiro, argumenta ao seu favor – usando o padre para dar consistência –, ao dizer que suas atitudes tinham a ver com sua própria defesa.

Nesta cena, temos uma tentativa de manipulação por **intimidação** do padeiro em direção ao João Grilo. Inclusive, é uma situação que se assemelha ao mesmo artifício que a mulher do padeiro tentou utilizar contra o padre, para que este benzesse a sua cachorra. A intimidação se configura quando o padeiro ameaça Grilo de demissão após o protagonista compará-lo a um animal, tendo em vista que: *você pode ficar sem emprego se me ofender*. A partir disso, notamos o poder do padeiro e os valores negativos ao destinatário (*você é meu subordinado, eu posso te demitir se você me ofender*), tentando alterar o comportamento de João Grilo mediante o dever-fazer (*eu devo respeitar o padeiro, pois não posso ficar sem trabalho*). Contudo, tamanha é a eloquência do João Grilo, pois ele claramente recusa a manipulação imediatamente após a tentativa frustrada do padeiro.

Adiante, temos a argumentação de João Grilo com a Compadecida:

A COMPADECIDA

João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.

JOÃO GRILO

Para o purgatório? Não, não faça isso assim não. (Chamando a Compadecida à parte.) Não repare eu dizer isso mas é que o diabo é muito negociante e com esse povo a gente pede o mais para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório. (SUASSUNA, 1983, p. 130)

No trecho citado, João Grilo explica para a Compadecida um método retórico para convencer o Encourado de levá-lo, no mínimo, ao purgatório. Faz isso a partir da exemplificação de que, em uma negociação, é comum que você ofereça mais para conseguir algo ligeiramente inferior. Logo, em uma escala de menor para maior, considerando o inferno, o purgatório e o céu, respectivamente, condenar João ao purgatório poderia deixá-lo suscetível a ir para o inferno, e sugerir sua ida ao céu poderia encaminhá-lo ao purgatório.

Contudo, a percepção de manipulação nesta cena parte da Compadecida em relação ao Manuel, tendo em vista que ela se utiliza da manipulação por **sedução**, ainda que sutilmente. A Compadecida cita as condições precárias do João Grilo, mas o faz no intuito de alimentar o senso de justiça do Manuel. Indiretamente, a Compadecida põe uma condição semelhante a: *Manuel, estou evidenciando a complicada vida do João pois, ciente do quão justo você é, você deve perdoá-lo*. Aqui temos o panorama do saber e da imagem positiva do destinatário (*sei que Manuel é justo e compassivo*), na tentativa de levar Manuel ao querer-fazer (*a Compadecida conhece meus atributos, eu farei o que ela me propôs*) em prol da Compadecida.

A cena a seguir se refere ao momento em que a Compadecida sugere que João Grilo retorne à vida:

A COMPADECIDA

Dê-lhe então outra oportunidade.

MANUEL

Como?

A COMPADECIDA

Deixe João voltar.

MANUEL

Você se dá por satisfeito?

JOÃO GRILO

Demais. Para mim é até melhor, porque daqui para lá eu tomo cuidado para a hora de morrer e não passo nem pelo purgatório, para não dar gosto ao cão. (SUASSUNA, 1983, p. 131)

Aqui, temos a indicação da Compadecida de fazer com que Grilo ressuscite. Considerando que João estava sendo programado para ser condenado, ver a Compadecida fazer a sugestão de volta à vida na Terra mostra como João Grilo foi capaz de persuadi-la ao longo de suas artimanhas. A Compadecida pensa de tal forma pois entende que as condições precárias de João eram o que o levavam a cometer seus maiores delitos. João Grilo, sempre astuto, concorda com a sugestão da Compadecida e argumenta, informando que, com uma segunda chance, ele iria se redimir.

O discurso de João nesta cena mantém uma compatibilidade com a manipulação por **tentação**. João estimula a tentação na Compadecida de tal forma: *se a Compadecida for generosa comigo, eu voltarei à vida e passarei a fazer o bem*. Grilo segue aqui o panorama do poder e dos valores positivos (*eu posso me redimir a partir da benevolência da Compadecida*), estimulando a mãe de Manuel ao ato de querer-fazer (*eu quero dar-lhe uma segunda chance pois ele será um bom homem*) com que João Grilo ressuscite.

Para finalizar, a cena a seguir faz referência à técnica de Grilo para finalmente ser exculpado:

MANUEL

Você me fazer uma pergunta a que eu não possa responder. Pode ser?

JOÃO GRILO

Está difícil.

MANUEL

É possível, você que é tão esperto?

JOÃO GRILO

Mais esperto do que eu é o senhor que me criou. Mas vou tentar sempre.

A COMPADECIDA

Isto, João. Tenha coragem, não desanime, que eu estou aqui, torcendo por você.

JOÃO GRILO

Então estou garantido. Eu me lembro de que uma vez, quando Padre João estava me ensinando catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que o dia do Juízo será, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá assim mesmo?

MANUEL

Está. É no Evangelho de São Marcos, capítulo treze, versículo trinta e dois.

JOÃO GRILO

Isso é que é conhecer a Bíblia! O Senhor é protestante?

MANUEL

Sou não, João, sou católico.

JOÃO GRILO

Pois na minha terra, quando a gente vê uma pessoa boa e que entende de Bíblia, vai ver é protestante. Bom, se o senhor não faz objeção, minha pergunta é esta. Em que dia vai acontecer sua segunda ida ao mundo?

MANUEL

João, isso é um grande mistério. É claro que eu sei, mas ninguém entenderia nada, se eu explicasse. Nem posso explicar nada agora, porque você vai voltar e isso faz parte de minha vida íntima com meu Pai.

JOÃO GRILO

Então deixe eu ir-me embora. Acredito que o senhor saiba, isso faz parte de sua vida íntima com o senhor seu Pai, mas o que o senhor disse foi que eu podia voltar se lhe fizesse uma pergunta a que o Senhor não pudesse responder. (SUASSUNA, 1983, p. 132-133)

Notamos que Manuel, para firmar de vez a proposta de inocentar João Grilo, pede para que este lhe faça uma pergunta a qual ele não é capaz de responder. João, ciente da onisciência da divindade, entende que não há método de fazer uma pergunta de que ele não saiba a resposta. Porém, o que Manuel pede é uma pergunta a qual ele não “possa” responder, então o personagem elabora uma tática impecável, perguntando o dia da volta de Jesus ao mundo, pois entende que é algo que a divindade não pode revelar a ninguém.

Essa cena específica se entrelaça indubitavelmente com a concepção de manipulação por **sedução**, especificamente por parte do Manuel em relação ao João Grilo. Para convencer e estimular João a fazer-lhe a pergunta que não possui resposta, Manuel insinua que Grilo é capaz de executar o procedimento por ser um homem esperto. Temos aqui a condição de: *você é um rapaz esperto, você vai conseguir fazer isto com eficácia*, o

que leva João Grilo a corresponder com o pedido de Manuel. Percebemos aqui o saber de Manuel e a imagem positiva ao destinatário (*sei que João é esperto*), incitando o destinatário a querer-fazer o ato (*Manuel ressalta a minha inteligência, eu quero correspondê-lo*).

CONCLUSÃO

Conforme o explicitado, podemos compreender que a manipulação na obra e especialmente no personagem João Grilo não ocorre por acaso. As abordagens de Grilo e dos outros personagens – o padeiro, a mulher do padeiro, a Compadecida e o Manuel –, de diferentes formas, refletem aspectos argumentativos percorridos na teoria semiótica proposta. A todo momento podemos visualizar estes traços que visam o convencimento e a alteração atitudinal por parte dos destinadores em direção aos destinatários, e em muitos casos vemos que, na obra, os procedimentos empregados tendem à eficácia.

Novamente ressaltamos a importância que o João Grilo desempenha neste quesito. Não à toa, toda a história de superação das inglorias de João é permeada por seus métodos perspicazes de persuasão. A maneira como o personagem principal usa de diferentes técnicas manipulativas é o que forma as principais facetas do enredo da peça teatral de Suassuna. Grilo aplica a sua manipulação e sua persuasão de modo tão sublime que, ao final da obra, consegue sua absolvição e sua redenção perante os seus erros cometidos.

Dessa maneira, vemos um claro exemplo de uso da manipulação por um personagem que se adaptou ao uso da comunicação, em prol de alcançar melhorias no seu modo de viver. Embora João – e a maioria dos outros personagens do enredo – seja desprovido de conhecimentos teóricos que poderiam servir para articular o seu discurso, suas táticas funcionam magnificamente, o que só amplia a riqueza e a profundidade da obra. João Grilo, em sua essência, é a representação do destinador-manipulador em constante ação e plena efetividade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. 25. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- CAMPATO JÚNIOR, J. A. **Romance Picaresco**. 2009. Disponível em: < http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0_Qe3DvwgIoJ:https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/romance-picaresco/&hl=pt-BR&gl=br&strip=1&vwsr=0 >. Acesso em: 21 out. 2021.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.
- LAZARILHO de Tormes**. Tradução de Pedro Câncio da Silva. São Paulo: Página Aberta; Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de Espana, 1992.
- MALEVAL, M. A. T. Atualizações do medievo no romanceiro nordestino e no Auto da Compadecida de Ariano Suassuna. **Revista Graphos**, vol. 17, nº 2, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/27283/14634> >. Acesso em: 02 dez. 2021.
- MAREGA, L. M. P. **A palavra em cena: o texto dramático no ensino de Língua Portuguesa**. 2015. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida**. 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983.